

editorial

Consciência e vigilância

N.

4/5/84

A acção criminosa dos bandidos armados, no decurso das últimas semanas, merece uma nova referência, uma nova reflexão.

No período que antecedeu imediatamente a assinatura do Acordo de Nkomati, as forças que apoiavam os bandidos armados introduziram no nosso País os criminosos que se alojavam e preparavam no exterior. Iguamente foram introduzidas no nosso território grandes quantidades de armamento, munições e material de sabotagem.

A intenção era fazer prolongar o mais possível a acção devastadora dos bandos, criando sobrevivências com aparência de autonomia interna. Esta infiltração executada nas fronteiras do Sul é acompanhada por uma actuação bem característica, através da dispersão de pequenos grupos. As acções destes pequenos grupos representam uma certa viragem na forma de actuar: mantém-se o carácter criminoso das agressões mas desvanece-se qualquer preocupação de tentar, pela força, reproduzir o seu contingente. A escolha das acções mostra a intenção de, num curto espaço de tempo, provocar danos e praticar actos de terrorismo. Não é tanto a importância estratégica e militar que define os alvos escolhidos mas a possibilidade de, a partir deles, se retirar efeitos de propaganda, criar a insegurança e semear o pânico.

É esta a leitura e interpretação das actividades criminosas praticadas particularmente na Província do Maputo. Os ataques contra machimbombos e comboios de passageiros, a sabotagem aos postes de condução de energia eléctrica, visam criar na população da capital a instabilidade e o sentimento de insegurança.

Incapazes de suportarem tácticas de longo fôlego, os bandos armados concentram a capacidade que lhes resta neste período, tentando apresentar-se com uma capa de força que, de facto, não têm.

Uma vez mais, é conveniente recordar o apelo feito para a nossa vigilância, para a atitude de cada um de nós, trabalhador e residente, interrogando-se sobre elementos e movimentações estranhas. Numa altura em que inúmeros bandidos abandonam os seus grupos e se tentam infiltrar nos seus locais de origem é necessário cerrar fileiras, em cada bairro, em cada cooperativa, em cada aldeia comunal. Os bandidos que se entregam com armas, obedecendo ao chamamento feito pelas nossas estruturas, têm protecção e tratamento apropriados. Os restantes bandidos devem ser neutralizados e para isso há que estar atento e saber distinguir, pelo comportamento inimigo, aqueles que tanto mal fizeram e fazem à nossa terra.

A vigilância começa na compreensão da táctica actualmente usada pelos bandidos, condenados por nós e pelo tempo. A vigilância começa na consciência dos nossos deveres de patriotismo.